

As tradições são a raiz de um povo

As escolas Damião de Goes e Pêro de Alenquer estão em maré de festejos dos seus 50 anos.

A escola é um local onde fervilha a vida, tem aromas próprios do tempo hodierno, é uma árvore de copa frondosa, sempre rica de culturas várias. A diversidade cultural e linguística, consequência de uma globalização que procura encontrar equilíbrios, apesar das suas dores, interrogações e expectativas.

Mas intramuros, quase que nos esquecemos ou damos por descontado a importância de olharmos, com olhos de ver, para as raízes da árvore que tantos desejam cuidar, nem que seja em dias com direito a foguetes.

Enquanto esfregávamos as mãos com o feriado sempre fiel à quinta-feira – a da Espiga – a conversa depressa chegou à tradição do ramo do Dia da Espiga, na Quinta-feira da Ascensão. Foi um diálogo com o meu colega Jorge Tenente. Ele nasceu e criado nesta região, e eu aqui aterrado, vendo a riqueza das tradições diversas neste “jardim à beira mar plantado” e usando uma frase, porventura já estafada de Tomás Ribeiro.

De facto, podemos olhar para as tradições também como flores variadas de cores, aromas e florações surpreendentes ao longo do ano.

E, na Escola Secundária Damião de Goes, nasceu o desafio que se transformou numa pequena iniciativa: preparámos um folheto explicativo e carregámos material vegetal, propondo, na véspe-



ra, aos professores e assistentes operacionais que compusessem o seu ramo para o Dia da Espiga – Quinta-feira da Ascensão.

Para uns foi recordar memórias, para outros conhecer uma tradição e entre todos uma partilha cheia de sorrisos.

E os ramos passearam pelos corredores, foram até às salas de aula ou adornaram mesas de trabalho, antes de serem acolhidos na casa de cada um. E assim não chegam a casa apenas as dificuldades do nosso trabalho, mas também flores que ajudam a olhar com magnanimidade para o amanhã.

José Maia



Ecos e Memórias

Para assinalar os 50 anos da Revolução de 25 de Abril, foi desenvolvido o projeto Ecos e Memórias. Este projeto foi proposto aos alunos das turmas de 12º ano, do curso científico-humanístico de Línguas e Humanidades, pelos professores da disciplina de História. Os alunos realizaram um trabalho de recolha de testemunhos de ex-combatentes, familiares, madrinhas de guerra, que partilharam as suas experiências vividas durante o Estado Novo e no dia da Revolução.

No âmbito deste projeto, foram realizadas palestras, na Bibliote-

ca da Escola Secundária Damião de Goes, que contaram com a presença de José Pedro Soares (ex-preso político) e Carlos Ademar (da URAP), no dia 16 de abril, e de Joaquim Faria e António Porfírio (ex-combatentes), no dia 19 de abril.

Aos convidados, agradecemos a partilha das suas memórias, fundamentais para que os alunos, que não vivenciaram esses acontecimentos, possam valorizar a sua luta e legado e crescer enquanto cidadãos mais conscientes.

Olga Lopes



Sou como muitos, marginal
 Não me contento com o estado teatral
 De uma pessoa atual
 Apesar de para muitos ser imoral
 Para mim é crucial, ser um marginal
 Poder ter um ideal
 Para mim é crucial poder sorrir,
 Sem ter de o cobrir
 Independente de onde possa provir
 Deixar os pensamentos sair
 Independente de quem venha ferir
 Quem os ouvir vai ter de os engolir
 Já deixei de tentar ser da sociedade
 Estou farto de tempo de oculta e falsidade
 Quero qualidade, um tempo de verdade.



Tiago Costa, 12ºC